

Inicialmente quero falar do prazer de estar aqui, mesmo que seja por meio da tela. Estou feliz que a gente tem se encontrado por aqui. Os meninos³ todos eu já conheço, quero dar um bom dia aos demais e agradecer a oportunidade de compartilhar nossas experiências. Peço perdão pela entrada da minha filha, mas até essas interferências caracterizam essa estrutura de estar trabalhando em casa. Eu vou mostrar para vocês o meu grupo de trabalho corporal, um projeto de extensão, que chama “Nois da Casa”, que têm alunos da Ufac inteira, independentes de serem ou não do curso de Artes Cênicas. Chama “Nois da casa” porque somos todos da Ufac, cujo objetivo é trabalhar com nossos corpos, fazendo técnicas, enfim, fazendo montagem vinculada às Artes Cênicas. E, aqui, eu vou falar um pouco de “Nois em casa”, ou seja, vou expor algumas das minhas experiências e desdobramentos realizados dentro de nossas casas no período pandêmico.

Eu montei alguns slides e vou passando para vocês. Vamos conversando enquanto eu vou mostrando algumas imagens. Antes de qualquer coisa, Maria Clara, Luiz Lerro é um aglutinador! Me pegou pela mão! Nós fomos convidados para uma mesa e, de repente, em dois segundos estávamos trocando figurinhas, com quatro segundos trocamos endereços e agora estamos nas parcerias. Quero estender as parcerias para todos aqui do evento. Acho que nós estamos muito pertos para ficarmos tão distantes. Falo isso aqui na minha pós-graduação. Acho um absurdo não nos encontrarmos com mais frequência. Sempre tento trazer a galera da UNIR nas seleções e bancas. Eu acho que nós temos que ficar mais juntos. A galera do Norte precisa reforçar esse lugar do Norte, se aglutinando, convidando e dando voz às pessoas daqui. Então, eu agradeço demais por essa iniciativa.

Quê e quem são esses corpos, que movimento é esse? Eu fico pensando, que corpo é esse? Que movimento é esse, antes de qualquer coisa. Eu venho falando com os meus alunos da pós-graduação e orientação de TCC: “- Peraí, antes de qualquer coisa, que corpo é esse? Caiu de paraquedas? Qual a sua história? Qual a sua trajetória? Você chegou aqui como? Então, eu vou levantando esses questionamentos. Eu sou mineira. Há dez anos, por escolhas éticas e estéticas, estou aqui no Norte, mas eu sou mineira. E, é partir desses fatos, vamos apresentando esse corpo que se movimenta nesse trabalho. O que a gente fez até aqui? E porque fizemos essas escolhas? Porque nós chegamos até aqui? Para iniciar, eu falo de onde eu vim, o que fiz, o que é o meu trabalho, o que eu gosto de fazer e como essas informações se estabelecem nas questões corporais que apresento.

Na minha fala, eu vou focar mais nas estratégias. Eu escolhi falar para vocês sobre esse laboratório de práticas corporais, que foi nomeado de “Laboratório de Práticas Corporais Dança 1”, feito junto com um

1 Transcrição da fala DANÇANDO COM A ARQUITETURA DO ESPAÇO: que (quem) corpo em movimento é esse?”, proferida no evento virtual Poéticas artístico-pedagógicas na web, módulo 1: Corpos Encorpam, no dia 15 de junho de 2022, via plataforma zoom. A mediação foi feita pelo professor Alexandre Falcão da UNIR.

2 Professora da linha de Pesquisa Teoria e Prática em Artes Cênicas no Programa do PPGAC\UFAC. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas UNB (2018) Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Artes Unicamp (2012) e bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa UFV (2006). Atualmente é docente na Universidade Federal do Acre (UFAC), concentrando suas atividades prioritariamente no curso de formação de professores em Artes Cênicas. Tem experiência na área de Artes, com ênfase história da dança, dramaturgia corporal e ensino do teatro. Coordena o grupo de pesquisa e extensão em Artes Cênicas (Nois da Casa), coordenadora do grupo de pesquisa Poéticas do Corpo, Memória e Performatividade.

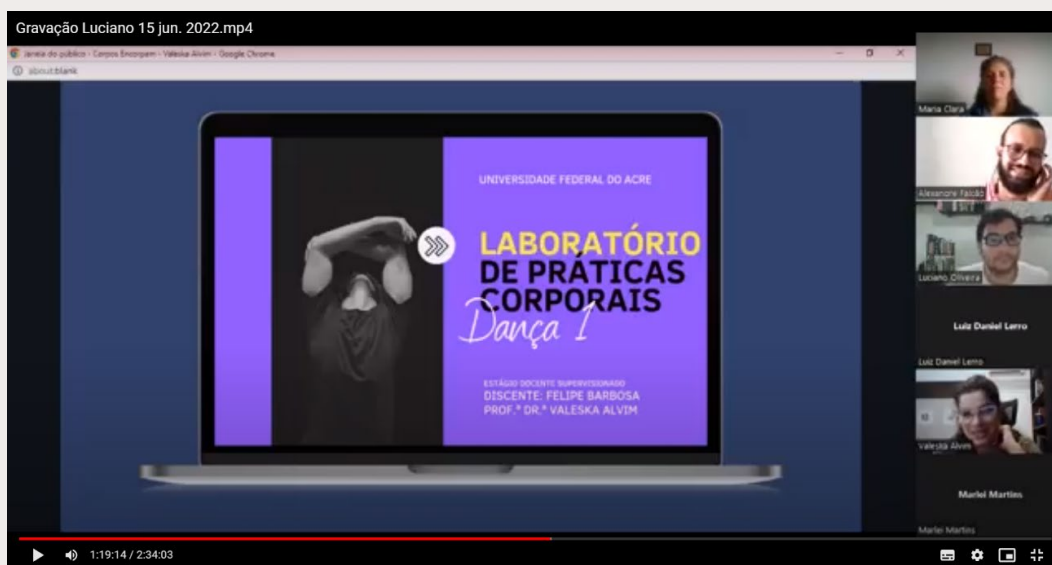
3 A palestrante se refere ao Luiz Lerro, Luciano Flávio de Oliveira e Alexandre Falcão, todos professores da UNIR, que estavam presentes no evento.

discente da pós-graduação. Ele deveria vivenciar um trabalho de corpo numa disciplina da graduação. Mas devido à pandemia, ele teve que fazer todo o seu trabalho por meio da tela. E ele me disse: “Professora, quando chegou a minha vez, está acontecendo isso!” A pós-graduação tem um tempo para terminar, portanto, essa atividade não poderia ser feita depois. Eu cheguei a conversar com ele e pedir uma dilatação de prazo, que foi aceita pelo programa. Eu argumentei: “- Isso vai finalizar e o menino vai ter a oportunidade de fazer o seu trabalho presencialmente”. Só que infelizmente, não aconteceu! E, então, tivemos que vivenciar isso juntos.

Esse discente, meu orientando, defendeu semestre passado. Ele trabalha comigo na extensão há dez anos. Desde o dia que eu cheguei e abri o projeto de extensão, ele entrou e nunca mais saiu. Nessa parceria, nós viajamos por sete municípios, dez Estados e três países, portanto, temos bastante vínculo. E devido a essa proximidade, foi possível discutir diversas vezes como fazer essa experiência da melhor forma possível. Discutimos muito como nossos corpos conseguiriam trabalhar questões que precisavam ser desenvolvidas nos encontros, com os alunos da graduação, que estavam chegando, que nunca tinham vivenciado nada corporalmente. Então, de um lado, havia uma pessoa, no caso dele, com muita experiência, com anos de prática de técnicas corporais, principalmente na área de dança contemporânea. Que é o trabalho que o sustenta atualmente. Enquanto que, do outro lado, estavam pessoas que acabavam de chegar, que não tinham vivenciado nada. Alunos que nunca tinham ido ao teatro, que não se permitiam tocar, que não se abraçavam. Tudo que fazíamos era muito novo e tudo deveria passar pela tela. Ficamos discutindo muito tempo sobre como acessar esse aluno. Como substituir o toque? Nas aulas, eu toco muito, demonstro como fazer os movimentos. Maria Clara, disse, sobre o afeto que é fundamental nas aulas de corpo, porque exige o olho no olho. Durante o período pandêmico, isso se desfez. E ficamos pensando: como substituí-lo?

Nós escolhemos usar imagens que pudessem estimular os estudantes, que os afetassem de alguma forma, mesmo sem o toque. Essa era a intenção, não sei se conseguimos. Eu trouxe esse exemplo para vocês, porque esse exercício de pensar formas de afetamento, foi um exercício muito longo entre nós dois. E eu trouxe essa imagem no slide, uma tela, feito no Canva⁴, como uma provocação para nós, aqui hoje, que estamos numa tela, discutindo como fizemos as nossas práticas na tela, trazendo a tela como questão, inclusive imagética.

Figura 1: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



Fonte: Print da tela

4 CANVA. Plataforma de design gráfico. Disponível em: <https://www.canva.com>

Eu comecei a trabalhar com padrões de movimentos, territorializar e desterritorializar. Como brincamos com esse corpo? Nós fizemos a escolha de praticar exercícios de criação de um padrão de movimentos, porque eram alunos que estavam acabando de chegar, sem vivência nenhuma de trabalhos corporais. Eles deveriam criar um padrão de movimento com começo e fim bem definidos, de forma que conseguissem repeti-lo diversas vezes. Então, eles deveriam repetir o padrão de movimento, dentro dos seus espaços, organizando as suas estruturas arquitetônicas, afastando um móvel ou outro, driblando as dificuldades da casa de madeira, que faz muito barulho! Não sei se Maria Clara sabe, muitos dos nossos alunos moram em casa de madeira, que é maravilhosa, mas gera um barulho que as vezes influencia na movimentação. Depois que conseguiam repetir várias vezes, a gente propunha analisar essa movimentação, junto conosco, que estávamos observando.

Também propusemos dançar com a arquitetura do espaço. Como Maria Clara trouxe antes, é importante respeitar o espaço ou o “não espaço” que cada um tinha. Respeitando, muitas vezes, os filhos. Trazendo um dado específico do nosso Estado, o Acre é um dos lugares que mais tem adolescentes sendo pais. Quantitativamente, é o estado que tem o maior número de adolescentes com filhos. Muitas das nossas alunas estavam com dois ou três filhos em casa. Nesse movimento, enquanto a gente dava aula, eles estavam passando. Havia todo aquele esquema de fechar uma porta, que muitas vezes, não existe. A porta é só a da entrada e saída, não tem portas entre os cômodos, ou seja, não havia um espaço reservado para as aulas. E, eu propus fazer com que as crianças vivenciassem as atividades junto com os pais. Ou seja, fazer junto com a arquitetura da casa, fazer junto com a arquitetura urbana, fazer junto com o que pode, com o que dá.

Baseado nos exercícios de introdução à arquitetura, não sei se vocês conhecem, provavelmente todos conhecem o livro Viewpoints⁵, eu fiz com base naquele guia de composição. Eu trouxe até a página se alguém quiser. Me auxiliou demais esse livro, porque traz exercícios que eu conseguia brincar com esse lugar, dentro da casa. Então, por muito tempo, fiquei junto com eles, a partir desse olhar do Viewpoints.

Também dançamos com os quatro elementos e, nesse exercício, sentimos falta desse corpo que mexe, que afeta, que somos nós. Nossa entonação, nosso toque, a frente e o atrás. E como vamos substituir tudo isso? Então trouxemos as imagens para nos ajudar a acessar todos esses elementos. Portanto, toda a estrutura era muito imagética voltada para os afetos. A gente começou a brincar com essas imagens: mostrávamos elementos em que eles pudessem pensar e dávamos comandos [a professora mostra várias imagens em slides].

5 BOGART, Anne; LANDAU, Tina. O Livro dos Viewpoints: o guia prático para Viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 73.

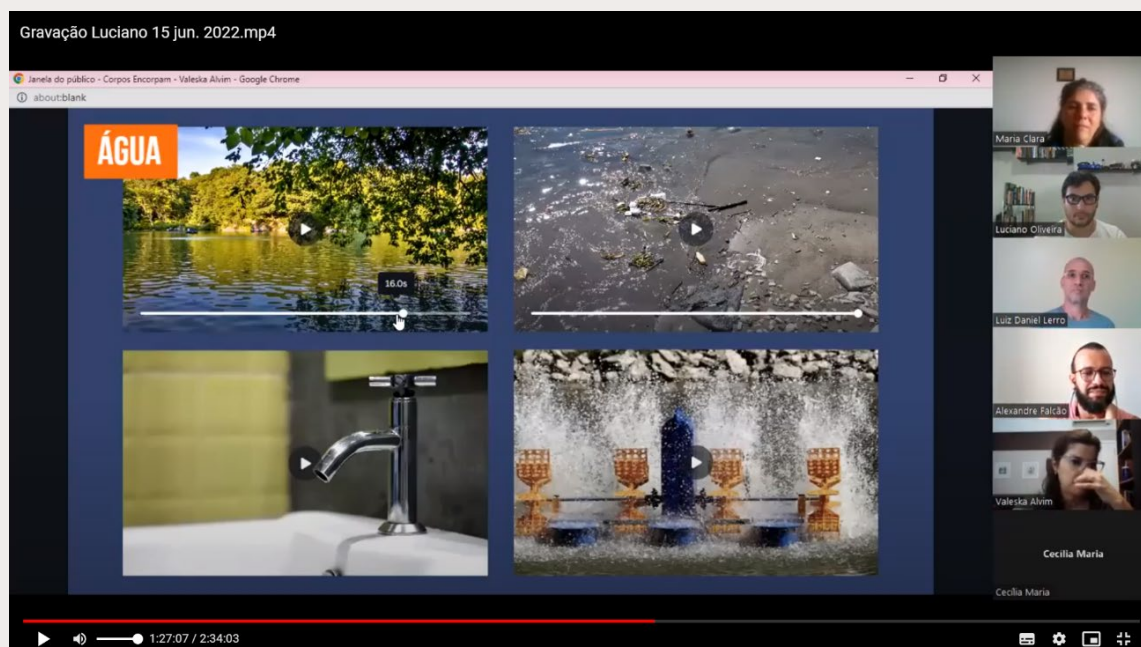
Figura 2: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



Fonte: Print da tela

Essa terra árida, por exemplo. Como é pisar nesse chão? Pensa nessa terra! Esfregar-se nesse chão, como seria isso? Depois, entre nesse lugar. Pensar em outras possibilidades. E nós fomos trazendo imagens que pudessem afetar os estudantes. [Continua a compartilhar as imagens que usou com os alunos] O que são esses elementos? Imagine o seu pé aí, sua mão, depois você deitado nesse lugar. A gente começou a trazer vídeos que pudessem afeta-los, explorar os seus sentidos. Portanto as imagens substituíram o que a gente não tinha mais pela falta da nossa presença em sala de aula.

Figura 3: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



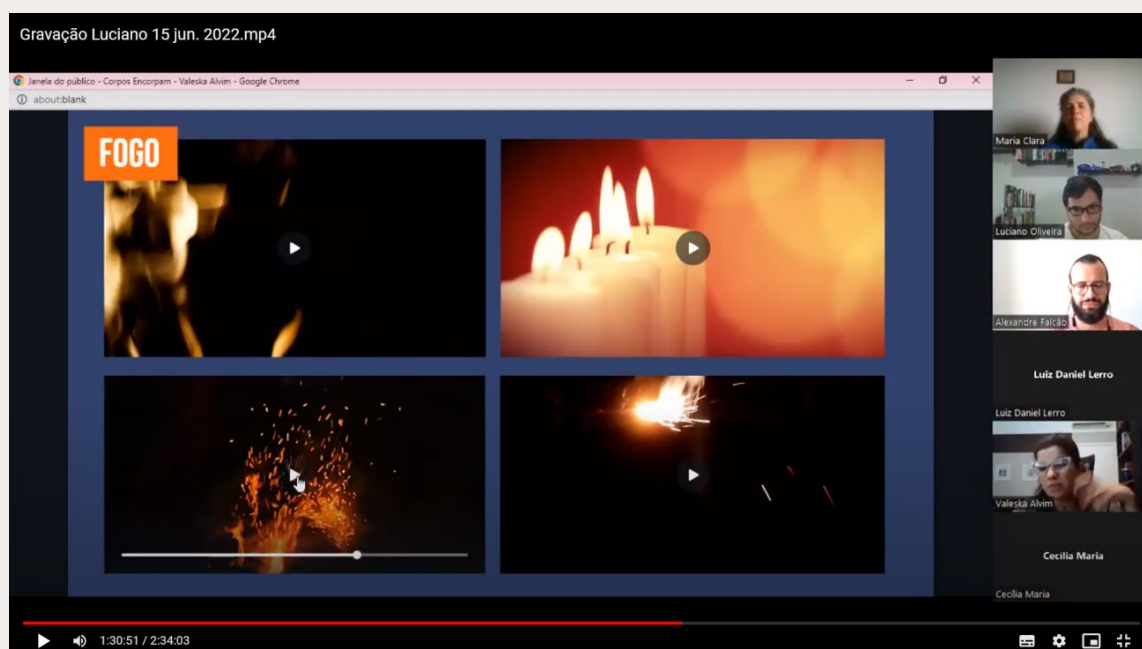
Fonte: Print da tela

Pensando nisso, a gente veio brincando com esses elementos e com essas imagens. Eu fiz uma compilação de tudo que a gente mostrou em uma aula. Isso aqui foi uma aula. O exercício era acessar esse corpo, essa água, com espuma, com restos, com plástico. A imagem do rio, que é muito próximo da realidade deles, pois têm acesso e nadam com frequência. Muitos lavam as suas roupas neles. Então, a ideia era trazer elementos mais próximos de seu cotidiano também. A torneira que traz a possibilidade de abrir e fechar...

Nós usamos as imagens para que eles pudessem pensar nisso através dos seus corpos. Aqui, o exercício era imaginar esses corpos debaixo, recebendo essa água. E, aqui eles estão montando frases de movimento com base nessas estruturas imagéticas. Várias formas diferentes de ver a água, formas diferentes de ver e perceber o vento. Maria Clara falou que o vento estava chegando muito facilmente, muito forte na janela. Aqui no Norte, no Acre, por ser muito úmido, o vento não vem tão facilmente na janela. Então, muitas das vezes, para esse exercício, eu pedi para que saíssem de casa para sentir o vento. O morro também facilita o vento chegar, mas como aqui é muito plano, esse vento não nos acessa tão facilmente. Tanto que, tem uma lei para não construir prédios muito altos aqui, por conta dessa especificidade.

Eles iam para fora de casa para acessar esse vento, tentar formas diferentes de enxergar o vento. E trazer essas sensações para os corpos, para o exercício. Foi uma forma que nós achamos, entre aspas, não é uma substituição. Eu acho que a palavra está errada, talvez seja uma impostura intelectual falar em substituição, mas, era uma forma de acessa-los através das imagens. Entendendo também, que eles já estão facilmente se ligando às imagens por meio das redes sociais. Então, trouxemos essas imagens para facilitar esse nosso jogo, essa proposição de jogo.

Figura 4: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



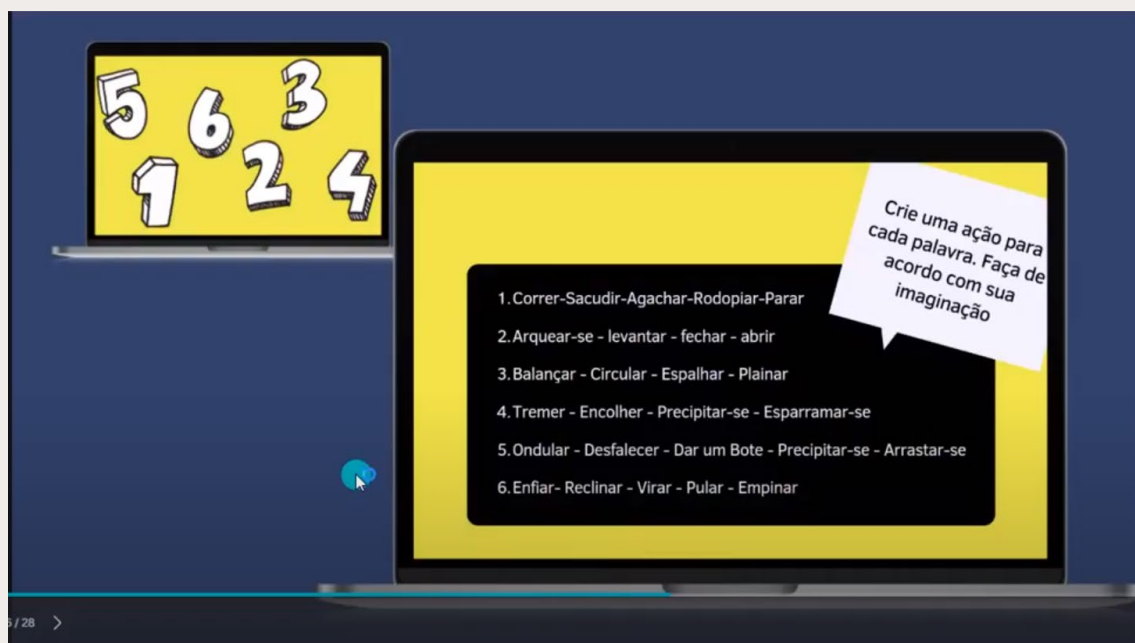
Fonte: Print da tela

E nisso, os estudantes iam contando histórias que auxiliavam o setor afetivo. Por exemplo, aqui tem muitas queimadas e quando viam essas imagens eles contavam: “ – Ah, eu vi uma queimada!” ou “- A minha casa queimou”; “- A casa de madeira queima muito fácil! Como que acontece isso?”; “-O fogo não sobe tanto, fica dessa forma...”. Teve uma estudante que, o exercício dela, foi todo para dentro, com o externo se trancando, porque ela sentiu dessa forma. Ela sentiu que perdeu tudo. E, entra muito nesse lugar dos afetos, do que chega, do que fica. Nós escolhemos vídeos que, de alguma forma, transversalizasse essa vida, o cotidiano deles.

Outro universo que trouxemos foi a religiosidade. O Acre é muito evangélico. Pelas estatísticas, 63% das pessoas são evangélicas. E trouxemos esse universo por meio do fogo, que é colocado de diversas maneiras nas religiões. Bom, todos esses elementos foram muito mais explorados. Estou falando rápido, mas nas aulas, nós ficávamos um tempo esmiuçando cada elemento. Em todas as práticas, tentávamos registrar

o que atravessava o corpo para servir como material de criação coreográfica. Então, depois das aulas, a gente tinha essa proposta de registrar. Portanto, era uma escrita que tenta acompanhar o pensamento sem preocupação com a gramática ou com a lógica de sentido, mas que pudessem acessar depois tudo que foi feito e sentido. Então, na finalização total, o que eles tinham, além dessa experiência da memória corporal, era a memória escrita, sem uma lógica gramatical, preocupação ou lógica de sentido, mas com muito afeto daquilo que ficou.

Figura 5: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



Fonte: Print da tela

E aí começamos a fazer jogos para ficar um pouco mais dinâmicas as aulas. Então eu colocava assim: “- Fulano, (e eles todos acessavam essas telas que eu estou mostrando) escolha um número”. O estudante escolhia um número que ia para uma ação: “enfiar, reclinar, virar, pular, empinar”. A partir da escolha dele, ele via o que era e criava uma ação a partir de cada palavra, de acordo com a sua imaginação e, depois, costurava essas ações. Como eram iniciantes, além de criar a partir desse jogo, fazíamos diálogos com outros alunos. Depois da criação, ele acessava um segundo aluno - que conversava com ele: “- Ah, acho que não deu a ideia legal do virar. Você quis mostrar virar, né?” - “Esse “pular” está estranho, nem teve pliê! Parece um “pulo de elefante”.

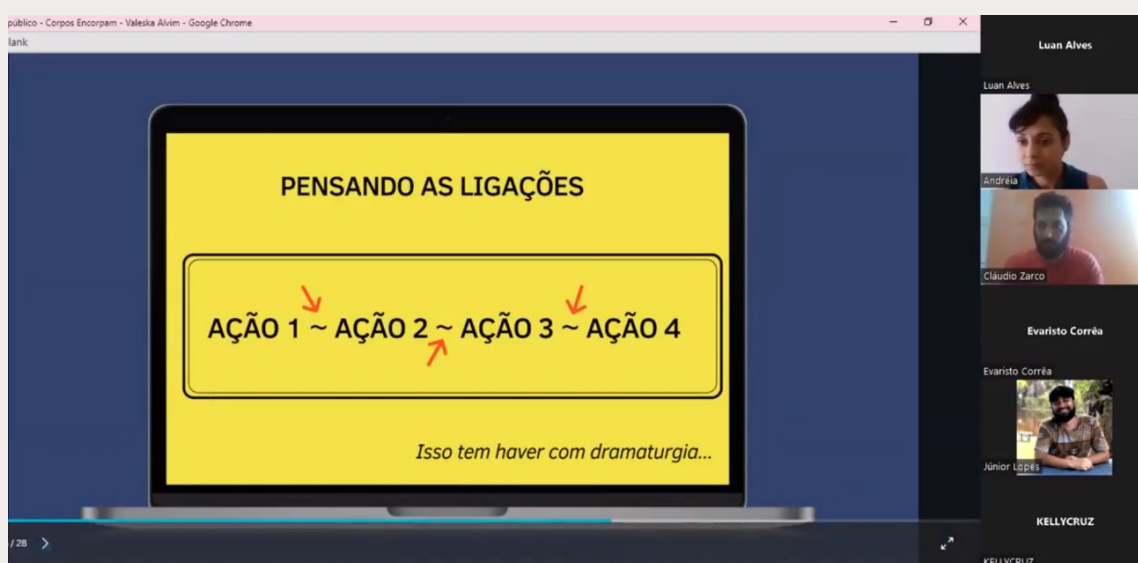
Os comentários foram gravados e enviados para mim. Eu achei maravilhosas as observações feitas dos movimentos um dos outros! Um até falou: “Ah, tá parecendo um elefante, nem teve um pliê! Você precisa se preservar, o seu joelho precisa ser preservado, parece elefante pulando, não pode ser assim!” E eles começaram um diálogo neste sentido. Gostei muito! Um mandava a filmagem para o outro e filmavam a tela para mandar para mim. Um trabalho louco não é, gente? Minha gente, minha gente, nunca trabalhamos tanto!

Depois de tudo isso, juntos, analisando os movimentos de cada um, eles pensavam o como. Então se eu, por exemplo, circulei de tal forma, o outro colega com o olhar de fora vai pensar: “mas como?” e começa a pensar: “como eu quero mostrar esse circular? Como está sendo visto esse movimento?” Nesse diálogo, a gente começou a falar de qualidade de movimento. Portanto, fomos introduzindo as qualidades de movimento aos poucos, afinal, eram alunos que estavam chegando. Eu queria também que fosse muito

através do afeto, de uma forma muito “chamegosa”. Presencialmente, eu sou assim, do chamego. Mas no virtual, não tínhamos nada disso! Como eram alunos que estavam chegando, ficamos até com medo de desistências. Quantitativamente, isso aconteceu realmente! Desistências por desespero, por ter dificuldade de lidar com tudo aquilo que estava acontecendo. Então, um auxiliou o outro no como e a pensar a qualidade de movimento, o que foi muito interessante.

Depois, a gente começou a trabalhar, pensar as ligações entre as ações. Cada ação tinha de ter uma ligação entre elas e, um estudante auxiliava o outro para ligar os movimentos criados. Então, as ações estavam assim e outro chegava com essa ideia de facilitar as ligações, e com isso, deu a ideia de movimento. Falamos de níveis, de velocidade, e começamos a discutir dramaturgia. Entramos no universo da dramaturgia, claro que, de forma muito introdutória. Mas com muito desejo de que eles acessassem esses conceitos no corpo e pelo corpo. E com as imagens, como essas:

Figura 6: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



Fonte: Print da tela

Ação 1, ação 2, misturada, somada. Como fazer essas combinações? Porque se eles esquecessem, eles poderiam acessar o esquema criado, de modo bem mastigadinho. Nesse sentido, para facilitar esse afeto, trabalhamos com muitas imagens e vídeos. Dávamos comandos: “- Como que joga com isso? Como se trabalha isso? Como é que trabalha esse externo [osso do peito), colocando para fora? Vamos abrir, colocar para fora, eu preciso te enxergar”. E mostrávamos imagens que aflorassem ideias, afetações, sensações, que eram coisas que faríamos com as mãos, om o olho no olho, e foi tudo substituído pelas imagens e vídeos. Imagem, imagem e imagem, e brincando, discutindo. Depois dos alunos terem vivenciado muita coisa, eu entro com os conceitos para discutir muitas coisas que eles já fizeram. “- Ah, isso eu já entendi no corpo, agora conceitualmente estou pegando”. É isso.

Estou apresentando um pouquinho do que foi feito em sala de aula, só um pouquinho, a partir das imagens. Tudo que mostrei aqui foi uma aula, organizada dentro das estruturas imagéticas. Essa ideia foi minha e desse aluno da pós-graduação.

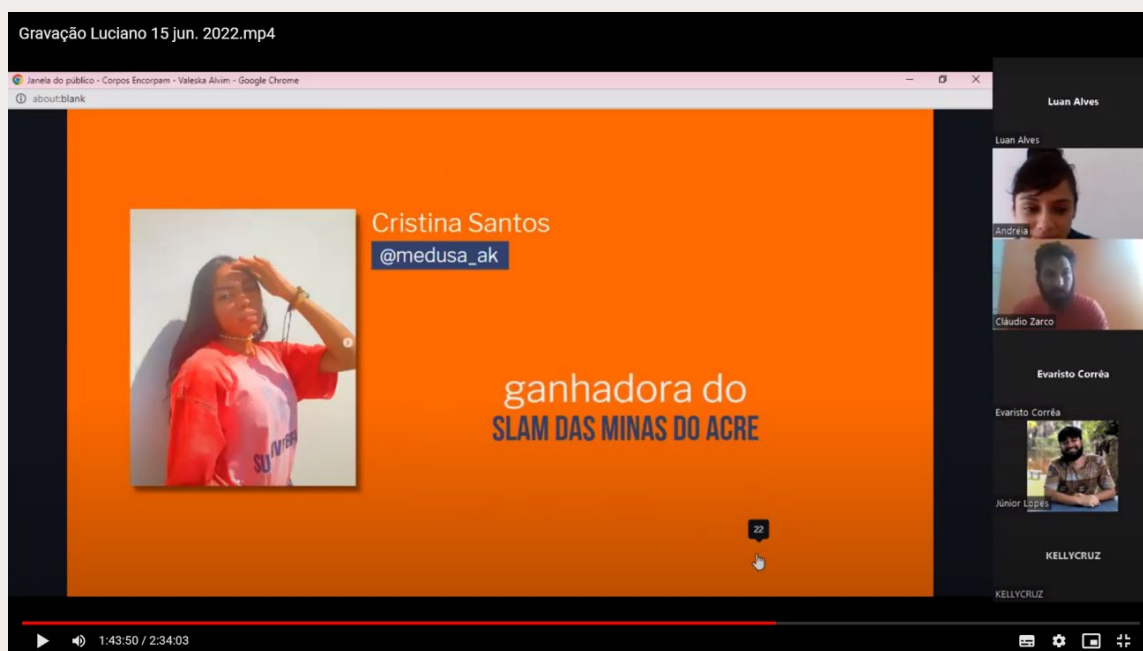
Agora, eu quero trazer para vocês um pouquinho do que fizemos na extensão. Só para mostrar algumas diferenças entre a graduação e extensão. Acabei de falar de uma experiência de estudantes chegando, muitas vezes socialmente desfavorecidos, nunca tinham acessado o cinema, o teatro, uma dramaturgia

diversa, enfim, iniciando sua vida acadêmica. Já na extensão, o grupo “Nóis da casa” onde eu trabalho, tem alguns participantes, quatro deles, já estão há dez anos no projeto. Iniciaram a graduação, terminaram e um deles, fez a pós-graduação, como relatei, frequentando o grupo.

Para esse período, criamos o projeto “Nois em casa” e fizemos alguns trabalhos com a comunidade. A proposta era falar como estava em casa. Cada integrante relatava como estava se virando em casa para trabalhar. Nós tínhamos editais para cumprir, portanto, tínhamos que estar acessando esse corpo, esse corpo não podia parar. Nós estávamos trabalhando há dez anos sem parar, e pensamos em fazer o projeto “Nois em casa”, que era falar um pouco de como estávamos em casa e produzindo. Esse vídeo que está passando⁶, são os bailarinos trabalhando. Havia também uma participante da comunidade. Lançamos um edital para ter poesia nesse vídeo e abrimos o projeto para a comunidade conversar conosco sobre como estava se sentindo dentro de casa por causa da pandemia, como a vida estava sendo, só em família.

Nesse momento também estávamos fazendo uma pesquisa para o novo trabalho que deveríamos montar. Havíamos ganhado um edital e alguns integrantes do grupo precisavam de dinheiro, pois como estavam em casa, não conseguiam sair para trabalhar. Alguns trabalhavam em academias, que estavam fechadas, assim, o nosso projeto passou ser a única fonte de renda deles.

Figura 7: Fala “Dançando Com a Arquitetura do Espaço”



Fonte: Print da tela

Medusa, a Cristina dos Santos, apareceu na Pandemia, e me falou: “- Oh, professora, eu estou com uma papelada meio escondida aqui, não sou muito de mostrar, mas veio o evento, e eu resolvi mostrar aqui, para você”. E eu disse: “- Nossa, você tem que entrar, colocar esse material para fora”. E acabou que ela expôs suas poesias e ganhou a poesia “Slam das Meninas do Acre”.

No projeto, como disse, queríamos uma forma de mostrar as casas, a vida interna dos bailarinos. Quem são eles para as pessoas que não moram aqui no Norte? O projeto “Nóis em casa” era isso. O bacana do projeto foi acessar, dar visibilidade às pessoas daqui. O material foi divulgado no Instagram⁷ do grupo e, os amigos sudestinos que acessaram o conteúdo comentavam: “Valeska, a maioria mora em casa de

⁶ Acesso ao conteúdo: @noisdacasa, vídeos postados em 2020.

⁷ @noisdacasa

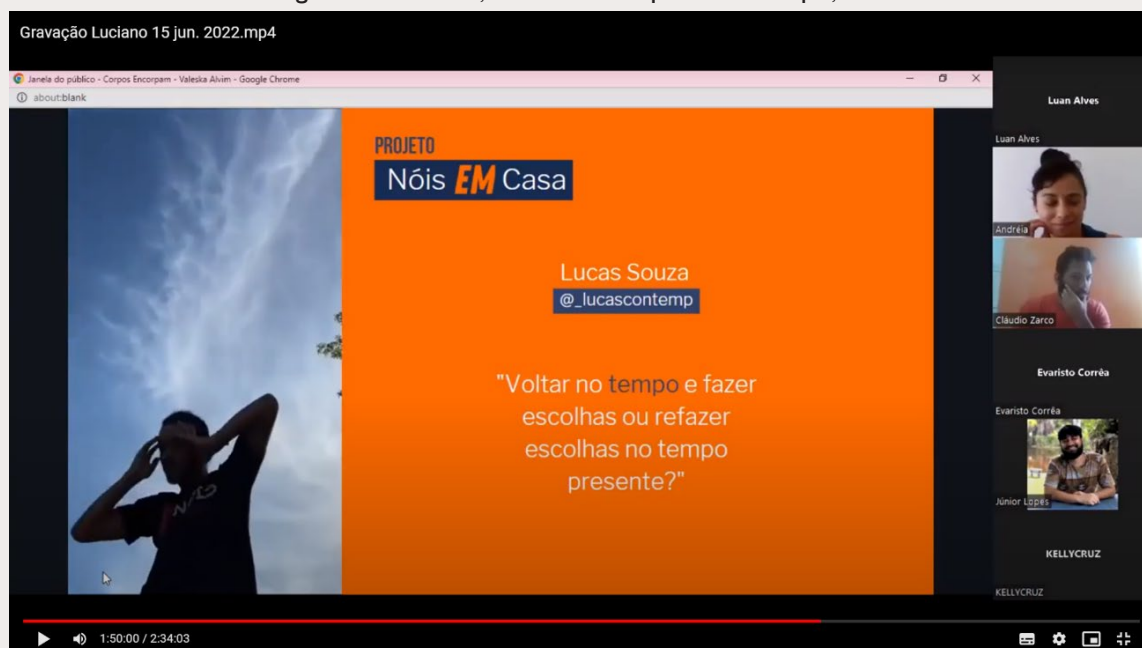
madeira! Nunca entrei em casa de madeira". E eu disse: "- Aqui é palafita, meu amor! Casa de madeira".

Alguns bailarinos, no cômodo da casa onde estavam dançando, tinha uma parte da parede que estava se deteriorando. Para esconder, colocaram um lençol branco. Tiveram esse cuidado: "- Vou colocar uma coisa para esconder isso aqui que eu não gosto e tal." E o projeto foi isso: abrimos nossos corpos, nossas casas, nossas mazelas e nosso Norte também.

Na minha opinião, a Pandemia não teve lado positivo, não teve! Eu não posso falar isso, pois seria uma impostura intelectual. Contudo, ela trouxe uma possibilidade única para o grupo, para a nossa pesquisa e para a extensão, que foi acessar milhares de cursos que nós queríamos fazer. Até sonhávamos fazer um curso, durante esses dez anos de grupo, e não tínhamos a menor possibilidade de fazê-lo. Pois na pandemia, conseguimos. Teve um aluno que leu Isabel Marques, "há quinhentos anos", não acessava, não tinha como, a situação financeira, o custo amazônico, de uma forma geral não permite esse ir e vir. A constituição não nos abraça nesse sentido. Mas nós acessamos materiais, pessoas, cursos que antes não nos era permitido. Então, o grupo de extensão, que é mais maduro, conseguiu se beneficiar bastante, comendo tudo, madrugando para comer, por causa dos horários diferentes, tínhamos que mudar nossos horários para acessar esse material. E fizemos tudo isso de uma forma bem antropofágica. Alimentar-se de tudo, de todos os cursos possíveis. Fizemos até aula num Teatro de São Paulo! E é isso, devemos pensar no quanto a tela nos proporcionou oportunidades de ficar em casa, mas acessar verdadeiramente, todas as regiões do país. Porque nós estamos periféricos e ficamos periféricos nas discussões, no lugar de fala e nas fruições. Hoje então, com esse governo [de Jair Bolsonaro], é maior esse declínio. Antes, tínhamos o Sesc, com o Palco Giratório, que trazia algumas coisas para o Acre. Em termos de fruição, chegava muita coisa bacana. Eu acho que aí na UNIR também, em Porto Velho, havia muita coisa bacana. A Funarte também chegava aqui. Uma das primeiras coisas, com esse governo, foi findar investimento para Funarte. Então esse giro, que era possível com o Prêmio Klauss Vianna, e diversos outros, acabaram. Então a fruição findou aí.

Mas, na pandemia, acabamos acessando pelo meio da tela. Então teve esse lado também, que é válido colocar, e o "Nois da Casa" aproveitou bastante. Esse exercício, aqui, do Lucas Souza, por exemplo, que eu mostro para vocês, foi um exercício que ele fez com a Cia. de São Paulo. É ele já dialogando com um mundo que ele não acessaria antes.

Figura 8: Fala "Dançando Com a Arquitetura do Espaço"



Fonte: Print da tela

Nós entramos em vários editais, inclusive da FUNARTE, para que os bailarinos pudessem viver. Foram nove editais, que os ajudaram a se alimentar na Pandemia. Muito do conteúdo desses editais foram criados a partir desses diversos cursos, que eu os incentivei a fazer. Criamos muita coisa, como esse projeto “Como (re)existir, que falava desse lugar do bailarino em casa. O outro projeto “O Olhar do Espectador Mediado pela Tela, foi criado um pouco antes da Pandemia, e que o desenvolvemos durante a Pandemia porque ela exigiu isso. E foi isso. Espero não ter me estendido muito. Obrigada!

REFERÊNCIAS

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. O Livro dos Viewpoints: o guia prático para Viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOISDACASA. 2020. Vídeo disponível @noisdacasa. Acesso em 2024.